

— Uma só daquellas musicas hespanholas, que a senhora canta com tanta graça.

— Deixei a graça em casa; fica para outra vez.

A mulher de Oliveira offereceu-lhes pousada por uma noite. Era impossível que D. Rita sahisse; podiam ficar; iria leval-as no dia seguinte. Rachel não acceitou nada e despediram-se ás nove horas. Thomaz não ousou apertar fortemente a mão que ella lhe estendeu, á despedida, posto que esse fosse o seu desejo; tocou-lhe apenas nos dedos. Entretanto, esperava que ella lhe offerecesse a casa, e Rachel não lhe offereceu cousa nenhuma.

Oliveira deu o braço a D. Rita, até o carro, deixando ao amigo a fineza de ir com a viuva. Thomaz aproveitou o favor. Entre a casa, que ficava no centro de uma chacara, e a rua, havia cerca de trinta passos; Thomaz fel-os compridos como legoas, sem achar uma palavra que dizer. Sentia o braço della no seu, francamente pousado, sem cerimonia nem medo, e a sensação que isto lhe dava ainda mais lhe atava a lingua. Enfim, chegaram ao carro.

— Obrigada, disse-lhe Rachel estendendo a mão.

Quando o carro partiu:

— Que tal a achaste? perguntou Oliveira.

— Achei-a bem.

— Estavas pallido.

— Eu?

— Deixa ver a tua mão; está fria. Serriamente, tu sentiste alguma cousa.

— Cousa nenhuma; tive recordações, mas, aos quarenta e quatro annos, as recordações são como brinquedos velhos e quebrados. Achei-a elegante. Queres que te diga? Mais distincta que em solteira.

— Mais senhora, mais tranquilla. O que tu queres dizer é que, em solteira, dava-te as mãos para que as beijasses.

— Nunca lhe beijei as mãos.

— Nunca! Nem os olhos?

— Menos ainda os olhos. Era muito arisca.

Tinham subido a escada de pedra, e parado á porta da sala de visitas. Oliveira pegou na mão do amigo, e, depois de alguns segundos:

— Se resolveres casar com ella, falla-me, disse.

— Casar?

— Falla-me, repetiu Oliveira.

— Tu estás tonto...

— Não é conselho que te estou dando; digo-te só que, se resolveres, estou prompto a servir de terceiro. Faz-se isto aos amigos velhos. Tu estás velho.

— Um pedido; não digas nada a tua mulher.

— De que?

— Do que houve entre mim e Rachel.

— Já sabe. Contei-lhe tudo hoje de manhã; mas descança, é discreta. Anda tomar uma chicara de chá; tens as mãos frias...

Thomaz foi acabar a noite em um theatro. Não perdeu o somno, e acordou á hora do costume. Entretanto, a segunda ou terceira ideia que lhe acudiu, depois de acordado, foi a formosa viuva. Gostou de pensar nella; reconhecia que ella fora apenas polida, nem sequer faceira, nada que revelasse o desejo de lhe parecer bem. Durante uma semana pensou muitas vezes em Rachel. Chegou a esperal-a na rua do Ouvidor. Sabendo onde morava, passou por lá duas vezes, sem a ver. Quinze dias depois do jantar, indo a Nictheroy, achou-a na barca. Ia só, com um veu pelo rosto, e parece que o vira, porque voltou a cara para o lado do mar. Thomaz hesitou um instante; afinal foi comprimental-a. Rachel fallou-lhe com affabilidade; elle sentou-se no mesmo banco.

— Hade crer que não vou á Praia Grande, ha dez annos? disse elle.

— Eu ha dois mezes. Vou visitar uma tia que está doente.

— Uma tia? Não me lembra, aventurou Thomaz.

— Uma tia do *finado*.

O *finado* era o marido. Rachel referiu-lhe a molestia, a idade, os costumes da pessoa, como se fossem cousas que o interessassem. Depois fallou do mar. Depois fallou do ceu. Tudo como quem mata a alfinetadas um tempo que não quer morrer. Thomaz pouco dizia; todo elle era ouvidos para escutal-a, olhos para vel-a, com os seus hombros fortes, as mãos finamente enluvadas, e os olhos, que pareciam de esphynges, agora que o véo os cobria. Pareciam ao nosso heroe; elle é que o dizia consigo, romanticamente, não eu, que apenas traduzo aqui o proprio sentir de solteirão. Esphynges era imagem velha; mas tinha para elle a mocidade da sua mocidade.

MACHADO DE ASSIS.

(Continúa.)

## CHRONIQUETA

Rio, 18 de Agosto de 1893.

Casos serodios. — *Falstaff*. — O Rio Grande do Sul. — O jogo. — Mortos.

Depois de minha ultima chroniqueta, passaram-se tantos casos e tão extraordinarios, que me seria preciso escrever hoje não uma chroniqueta mas um chronicão.

E' verdade que parte d'esses factos perderam completamente a actualidade, e má figura fariam como noticias frescas do que se passa. Estão nesse caso a prisão do Sr. Wandenkolk e dos seus companheiros de aventura que tripulavam o frigorifico *Jupiter*, o *habeas-corpus* que a estes concedeu o Supremo Tribunal Federal, o luminoso discurso com que Ruy Barbosa pediu esse *habeas-corpus*, e a valentia e brilhantismo com que defendeu na imprensa a causa dos infelizes revolucionarios.

Venho ainda tarde para fallar do Banco Nacional do Brasil, nova criação financeira do Sr. conde de Figueiredo, e do grande premio levantado no Derby-Club pelas patas do *Aventureiro*, que já no anno passado praticára identica façanha, e da *Semana*, a excellente revista litteraria de Valentin Magalhães, que tão saudosas recordações deixou, e agora reapareceu, dirigida por aquelle meu illustre confrade, tendo como gerente o Sr. Max Fleuss, filho do fallecido proprietario da *Semana Illustrada*, que promete ser um bello administrador, porque « filho de Fleuss sabe nadar. »

\*

E' tambem um assumpto serodio o *Falstaff*, representado pela primeira vez no Rio de Janeiro em dous palcos, na mesma noite de 29 de Julho, data que ficará registrada nos annaes do nosso theatro lyrico.

E' serodia a noticia da decepção dos *dilletanti* fluminenses que, levados pelo entusiasmo da critica europea, esperavam encontrar na nova opera do divino Verdi um miagre de rejuvenescimento. A musica do *cysne*, muito bem feita, muito sabia, mas sobremodo séria, não se compadece com o *libretto* de Arrigo Boito, uma verdadeira farça, escripta em bonitos versos, mas na qual o velho Sakespeare — digamol-o francamente — entrou como Pilatos no Crêdo.

Entretanto, o que se póde affirmar é que tanto os artistas do empresario Ducci como os do empresario Ferrari — cantores e orquestras — deram muito boa conta do recado, executando o *Falstaff*.

\*

Para fallar da guerra civil do Rio Grande do Sul é que é sempre cedo, porque essa lucta fratricida (deixem passar a chapa) continúa desgraçadamente accesa, apezar dos emissarios de paz e concordia, e das repetidas noticias de proxima pacificação.

\*

O assumpto corrente é o jogo. A tavolagem do Frontão Fluminense achou defensores nas altas regiões do Poder.

Que tem isso? Estamos — não ha que ver — numa sociedade em dissolução; quanto peor melhor!

\*

Registrem-se n'estas columnas os fallecimentos do illustre marechal visconde de Pelotas, um bravo do exercito brasileiro, de Rego Macedo, o talentoso jornalista, redactor da *Gazeta da Tarde*, e de Theodureto Souto, que foi deputado no Imperio e era senador na Republica, libertador do Amazonas.

ELOY, O HEROE.

## THEATROS

Rio, 20 de Agosto de 1890.

Tivemos duas companhias lyricas de primeira ordem. *Excusez du peu!* Uma d'ellas (a do empresario Ferrari partido para S. Paulo, depois de dar-nos no theatro S. Pedro *Aida*, *Manon Lescaut* (opera de Puccini, nova para o Rio de Janeiro), *Othello*, os *Palhaços* (outra opera nova, de Leoncavallo), a *Cavalleria rusticana* e a *Favorita*.

A outra companhia, do empresario Ducci, tem nos dado no Lyrico acto e meio do *Tanhaüser* (estrela *manique* por doença do tenor Gabrielesco), *Gioconda*, *Aida*, *Rigoletto*, *Amigo Fritz*, *Mephistofeles* e *Cavalleria rusticana*.

Ambas as companhias deram, na mesma noite, em primeira representação, *Falstaff*, a nova opera de Verdi, que causou tanto barulho na Italia, e no Rio de Janeiro não foi recebida com grande enthusismo. Os entendidos preferem-lhe a *Manon Lescaut*.

No pessoal da companhia Ferrari distinguiram-se os tenores Mariacher e Cremonini, o barytono Scotti, a cantante portugueza Maria Judice da Costa, a prima-donna Tettrazini, e outros artistas; — mas o da companhia Ducci é realmente mais consideravel, bastando, para restabelecer a sua superioridade, a presença de Mancinelli na cadeira de regente da orchestra; De Marchi, Gabbi, Camera, Boronat, Rossi e outros são artistas que estão acima de qualquer elogio.

Os espectaculos do Lyrico são sempre muito concorridos.

\*

A companhia dramatica portugueza do theatro D. Maria II, de Lisboa, que tinha partido para S. Paulo, regressou a esta capital, e reapareceu hontem, no S. Pedro, com a *Madrugada*, encantadora *bluette* de Fernando Caldeira.

\*

A companhia do Recreio Dramatico voltou tambem de S. Paulo, e fez *reprises* de diversas peças do seu repertorio; tem agora em scena a *Martyr*, de Dennery.

\*

No Apollo exhibe-se uma revista de anno, *Abacaxi!* original de Moreira Sampaio, que já ganhou esporas de cavalheiro como comediographo, e Vicente Reis moço talentoso, occupado na imprensa. *Abacaxi!* tem todos os requisitos para dar cem representações: muita graça, variedade na apresentação dos factos, musica bem escolhida e abundante, scenarios magnificos, vestuarios riquissimos, bons côros e um desempenho de papeis que nada deixa a desejar por parte de Rosa Villiot, Clelia, Bahia, Brandão, Colás, Lisboa, Araujo e muitos outros artistas. O publico applaude a valer.

\*

A empreza dos artistas Peixoto e Clementina, que se deu bem, no Lucinda, com as *Noivas do Enéas* e o *Tio Celestino*, tem agora em scena o *Primeiro marido de França*, engraçadissima comedia do fecundo escriptor Vallabregne.

\*

No Variedades, mais uma magica, *Talismans de Perlimpimpim*, posta em scena com o mesmo luxo do *Diabo Coxo*, das *Maçãs de ouro* e das outras peças que têm feito a fortuna d'aquelle theatro. No desempenho d'estes *Talismans* distinguem-se muito os artistas Joaquim Silva e Amelia Loppiccolo.

\*

A empreza do Sant'Anna cançou-se de ganhar dinheiro com o *Conquista dos talismans*, e faz agora *reprise* das boas peças do seu repertorio: *Surcouf*, *Ali-Babá*, etc.

\*

A companhia italiana Tomba, de opera, opera-comica e opereta, tem dado, no Polytheama, uma infinidade de operas, operas-comicas e operetas, todas com *successo*, umas mais e outras menos.

## Mme. Celestina Lombaerts

Os colaboradores da parte litteraria da «Estação» cumprem o tristissimo dever de registrar nestas columnas o doloroso fallecimento de Mme. Celestina Lombaerts, esposa estremecida do Sr. Henrique Lombaerts, proprietario d'este periodico, — e de enviar ao desolado viuvo, nestas ligeiras linhas, toda a expressão do seu profundo pesar.

Só quem conheceu a morta, e conhece o nosso bom e querido amigo Sr. Lombaerts, calculará a intensidade do golpe que o ferio, arrancando-lhe a virtuosa companheira, bella e ainda joven, que suavizava as fadigas e as agruras da sua vida honrada e operosa.

## Um quarto de seculo

### II

(Continuação)

Salles, negociante de Pelotas e doutor em medicina, liquidou a casa no fim de poucos annos e veiu para o Rio de Janeiro. A ideia d'elle era viver uma vida elegante, participar de todos os prazeres da alta roda da capital. Contava com o papel eminente que caberia á mulher, agora mais bella que nunca.

## A ESTAÇÃO (supplemento litterario)

Assim foi. Em poucas semanas, em tres mezes, o nome de Rachel andava em todas as bocas, a pessoa em todos os bailes e theatros. Toda a gente a conhecia na rua. Salles comprou uma carruagem, e uma parelha de cavallos inglezes. A primeira modista era della. Não eram della as primeiras modas porque vinham feitas da Europa; mas entre as primeiras divulgadoras de um corte, de uma fazenda ou de um chapéo, estava a bella Rachel, — ou a bella Salles, como iam dizendo alguns, até que este nome se generalizou.

Pouco mais de um anno bastou a cansar o marido. Os habitos do commercio ou da provincia, — os d'elle, ao menos, — não se podiam casar com a vida agilada, que elle mesmo quizera e escolhera. Os bailes pareciam-lhe tristes, ao cabo de uma ou duas horas. Quando havia jogo, Salles atirava-se ás cartas, enquanto a mulher valsava ou polkava. Gostava mais do theatro, e particularmente do theatro lyrico; mas, se a primeira e segunda estação o encantaram, a terceira entrou a aborrecel-o. Em casa, recebia bem e estava mais a gosto; mas tudo sommado, a realidade da vida elegante não correspondia á expectação. Além do mais, para um homem affeito ás lidas do commercio, a vida ociosa era pesada e vasia. Não sabendo que fazer do tempo, Salles lembrou-se de exercer a medicina. Curava de graça; não lhe faltaram doentes, e atraz delles a reputação. Assim passou alguns annos, até que elle proprio adoeceu, e, mais infeliz que os seus enfermos, succumbiu.

### III

No sabado marcado, Thomaz acudiu a Andarahy, onde já achou a viuva. Oliveira tinha annunciado a vinda do amigo, mas nem então, nem quando este chegou, houve da parte de Rachel a menor emoção. Ella fallou ao namorado de outros dias, como se nada houvesse passado entre ambos, em bem ou em mal. Oliveira fel-os sentar, á mesa, ao pé um do outro; mas a visinhança não alterou a disposição da viuva.

Thomaz achou-a ainda bella, e, a muitos respeitos, melhor. Trinta e sete ou trinta e oito annos, é o que devia ter. Era conversada, interessante, attenta, fallando de tudo e bem, sem excesso, sem impertinencia, calando a tempo, tudo isso com uma boca fresca e uns olhos capazes de paixão e de mando. Assim pareceram elles a Thomaz, que estava commovido e ia-se sentindo acanhado. Para um homem vivido, o estado era inexplicavel, se não fora a situação especialissima. Elle suppoz, e qualquer pessoa o supporia, que o longo celibato e a differença dos tempos o teriam armado contra essa senhora, e foi o contrario. Já não fallo dos termos da separação de outr'ora, que eram um atractivo mais, não diminuido pela viuvez. A viuvez era antes um pico.

Rachel demorou-se pouco. A irmã, que estava presente, embora restabelecida, não podia apanhar sereno e a noite esfriava. Foi a rasão dada pela viuva Salles para sair e não cantar, como lhe pedia Oliveira.





#### A DANSA DAS NYMPHAS

o amor, tem lugar secundario nesta serie dramatica. São paixões burguezas que são postas em scena. Personagens virtuosos poem em pratica os preceitos de Confucius, talvez muito elevados como dogmas de moral, mas que nos divertem muito menos do que uma scena de amor. Os chinezes amariam a opera comica. Em 1853 cantores italianos representaram em Macau operas de Rossini; obtiveram um successo immenso.

A população adora o theatro; a passagem de uma companhia em uma cidade é um acontecimento. Cessa todo o trabalho; é festa por toda a parte, e todos só pensam em tomar lugar. De mais, um rico negociante, ambicioso, tem o cuidado de offerecer representações ao povo, que, em recompensa, o nomearia voluntariamente conselheiro municipal ou deputado. Ha titulos de peças que são de um pedantismo

enigmatico: *A divida pagavel na vida futura* e outros deste jaez.

#### A hospitalidade da noite

A Obra da Hospitalidade da Noite, que presta tão grandes serviços aos desherdados, entrou em seu de-



Foi em 1878, que a Obra da Hospitalidade da Noite abriu as portas do seu primeiro asylo, rua Tocqueville, 51, em uma pequena sala onde apenas se viam dez leito se algumas mezas.

No primeiro anno as contadas dos fundadores saldaram-se com o deficit de nove francos.

Mas apesar do magro resultado de sua tentativa, não perderam a coragem. Outras pessoas caritativas vieram em seu socorro, e de 1875 a 1888, os donativos foram tantos que quatro immoveis, de que a Obra se tornou proprietaria, foram transformados em asylos da noite.

De 1878 a 1888, 400,000 pessoas mais ou menos dormiram nos quatro asylos da Obra.

Os francezes evidentemente foram os pensionistas mais numerosos; o numero subio a 340,556.

Os allemães veem em seguida, com 17,197; seguem-se os belgas que forneceram ao asylo 15,494 locatarios.

As nacionalidades menos representadas nestes refugios da miseria são o Chile, com vinte indigenas; a Australia com 42, e finalmente a Abyssinia, com 26 somente. Em resumo, 28 paizes diferentes viram seus nacionaes dormir no Asylo da Noite. O numero dos pensionistas duplicou de 1878 até hoje.

A estatistica das profissões é igualmente muito curiosa.

Os obreiros do solo estão em primeiro plano. Em 1887 recolheram-se 21,376.

Os artistas são menos representados: 236 somente dormiram no asylo, durante o mesmo anno. Entre estes havia 35 musicos e 11 pianistas. As profissões liberaes, sempre em 1887 forneceram um contingente de 471 pensionistas, entre os quaes 86 professores, 69 estudantes, 164 escreventes de tabellião, 32 architectos e... ai! 8 jornalistas!

Todas as profissões foram representadas: ha mesmo (oh ironia!) 35 trabalhadores em ouro e 267 douradores.

Além da dormida, os pensionistas são nutridos e vestidos. Dá-se-lhe mesmo alguma coisa em dinheiro.

Em 1887 foi distribuido aos pensionistas do Asylo 186,596 pães; 19,675 bolos; 13,684 peças de vestuario.

Deu-se-lhes em especie 313,60 fr.; 635 de suas cartas foram gratuitamente despachados, 11 dentre elles foram collocados em companhias de caminhos de ferro, e 1,273 outros em casas de industriaes.

A 2 de Março de 1881, a Obra de Hospitalidade da

Noite, abriu aos desgraçados uma casa situada no boulevard Charoune. E' o mais vasto dos quatro edificios.

## A cataleptica

Haviam communicado ao Dr. James Stephenson que se dera, na rua Louyon, em *New-Castle* um caso excepcional de catalepsia, que o doente fallecera, durante a crise e que seu corpo ainda não havia sido dado á sepultura. O Dr. James, apesar da adiantada hora da noite, dirigiu-se ao lugar indicado e effectivamente encontrou o que lhe haviam dito: uma moça de dezoito annos, quando muito, achava-se estendida em um sophá, coberta por uma rica colcha de damasco. Era bonita ainda assim, apesar da palidez marmorea da face e da rigidez apparente dos membros. Quem lhe pegasse em um braço, supporia ter pegado em uma barra de ferro, tal era a sua rigidez. Não respirava e apresentava todos os symptomas da morte.

O medico entrou, calmo e reflectido, como um sacerdote da sciencia, cortejou o familia que se achava na sala á sua espera e depois de algumas perguntas ao chefe da casa, ia dirigir-se para o supposto cadaver, quando alguém lhe disse:

— Basta passar a certidão de obito!

— E' o que eu vou fazer, respondeu o facultativo.

Approximou-se do sophá, tomou o pulso á moça, escutou-lhe o coração... parecia-lhe mudo e parado para sempre.

Proseguiu no seu exame cuidadosamente, demoradamente, com a meticulosidade de quem não se acha muito certo do que vê. Todos olhavam para elle com ansiedade.

O pae da infeliz agarrava-se aquelle incidente como a uma ultima taboa de salvação. O medico que tanto hesitava em passar um simples attestado de obito era porque tinha as suas razões. E todos esperaram.

— E' singular, disse elle; a morte parece que ainda não se apoderou deste corpo.

Um grito de espanto de alguns e um sorriso de incredulidade de outros foram as respostas a inesperada affirmativa.

— Não; não está morta!

— Não; não está, tornou o Dr. James. Vejamos e procedamos com calma.

Respondam-me: esta moça teve ultimamente algum desgosto moral profundo?

— Sim, senhor, respondeu o pae, adiantando-se.

Era noiva, a minha querida Elisabethette; o noivo, primeiro tenente de marinha, partiu, ha mezes, a bordo do *Standart*; constou-nos que o navio naufragara nas costas de Calcuttá... alguns jornaes chegaram mesmo a publicar telegrammas n'este sentido... Ella esperou muitos dias por um desmentido a esta infausta nova; não comia; era extraordinario o seu estado de excitação nervosa. Hontem subitamente, no jardim, viu-a cahir, como se fosse fulminada por um raio. Corremos ao seu encontro e já a encontramos no estado em que está vendo-a. Meia hora depois batia o carteiro á nossa porta, trazendo-nos uma carta que reconhecemos ser do noivo della, pela lettra. Trazia o seu endereço, mas não a abrimos.

O doutor ouviu em silencio o que acabavam de lhe contar. Reflectio por alguns instantes e depois erguendo resolutamente a cabeça, disse para o pae da cataleptica:

— Consentem que eu leia essa carta?

O outro respondeu:

— Acha que isso pode servir para alguma coisa?

— Consentem que eu leia essa carta? repetio elle com impaciencia.

O dono da casa não hesitou por mais tempo e mettendo a mão no bolso tirou um bonito envelope de papel de Hollanda. O medico rasgou o subscripto e passando os olhos pela missiva, disse simplesmente:

— Vejamos.

Depois tornou para junto do corpo rijo da doente, ajoelhou-se e chegando os labios aos ouvidos della leu pausadamente o que se segue:—«Minha querida Elisabethette—Estou em uma povoação da India, onde não ha telegraphos. Escrevo-te por um paquete que aqui tocou. Sou um naufrago do *Standart*. Estou salvo. Espéra-me pelo primeiro paquete.—Teu Jorge Stheen».

Feita esta leitura o medico levantou-se, tomou o pulso da moça e esperou. Passaram-se alguns instantes de dolorosa ansiedade. Subito os labios distenderam-se n'um sorriso.

— Está salva! exclamou o doutor; uma commoção quasi a ia matando, outra commoção salvou-a.

cimo segundo aniversario de existencia. Sempre prospera, sempre sustentada pela inexgotavel generosidade dos parisienses, começada em ponto pequeno em 1878, é actualmente uma instituição estavel, forte, com grandes e numerosas ramificações e destinada de mais a mais, ao beneficio dos desgraçados, e alivio de suas miserias, sem distincção de profissão, nacionalidade ou religião.

## ECONOMIA DOMESTICA

## Manchas do rosto

Offerecemos hoje ás nossas leitoras que porventura te-  
nuham a cutis manchada, por algumas destas erupções cutaneas  
a que vulgarmente se dá o nome de *pannos* o seguinte e  
facil remedio :

Agua filtra-la com um pouco de cascas maduras de la-  
ranja da terra, em dissolução, durante alguns dias

Lava-se o rosto com este preparado e faz-se em seguida  
applicação do pó de arroz, de superior qualidade.

## Insomnia

E' uma molestia commum a todos os filhos de Adão e Eva.

Quem nunca teve insomnias na sua vida ?

Todos tem tido, algumas bem terríveis.

Pois agora aqui deixamos um remedio que é infallivel, que,  
sem os inconvenientes dos narcoticos, produz muito mais  
salutar effeito.

Quando a leitora não poder fechar as palpebras, comeece  
a contar de um até mil. Antes de chegar a este numero já  
estará nos reinos de Morpheu, conforme se diz, em linguagem  
mythologica.

## Magdalena

(Quadro de Prouvé)

A GASPAR GUIMARÃES

Ruge-lhe a tempestade em torno. E desvairada,  
A coma sôlta ao vento, em febre que a devora,  
Magdala, a cortezã, do Christo amada outr'ora,  
E' semi-núa e só na rocha descarnada !

Alli, no seu Calvario, embalde a Deus implôra . .  
E' só. Crispando ao seio as mãos, ajoelhada,  
Verga o dorso, fitando os céos, e allucinada  
Só ouve o vendaval bramindo espaço em fóra . .

Entretanto, bem junto, uns braços nús erguidos  
Parece-lhe acenar. Mas ah! Tosca e singela  
E negra, aquella cruz é muda aos seus gemidos . .

Porem, martyr do amor, si nada te dizia  
N'essa triste mudez a cruz, é porque n'ella  
Nenhum santo Jesus sorrio-se na agonia !

Recife.

PAULO DE ARRUDA

## AS NOSSAS GRAVURAS

## Amadores

São effectivamente dois amadores de *violoncello* os dois  
bregeiros gatinhos que figuram no nosso quadro.

O magico instrumento deve vibrar sonoro e sublime, ao  
impulso das felinas patas que o comprimem.

Só ha uma cousa a receiar : é que as cordas se despedacem,  
no ardor do entusiasmo de taes dilettanti. Com certeza é o  
que devia ter acontecido.

## A dança das nymphas

A gravura que hoje publicamos é uma copia do celebra  
quadro de Corot. O assumpto, todo mythologico, de accordo  
com a indole do afamado artista, foi tratado com o carinho  
e com o amor que elle dispensou sempre ás suas telas admi-  
ráveis todas pelo vigor da concepção.

Esta bellissima tela acha-se em exposição no museu de  
Luxemburgo em Pariz, a que pertence hoje.

E' uma das preciosidades de mais valor do grande museu  
e um dos mais brilhantes attestados do adiantamento da  
pintura na velha França.

# DELETTREZ

EM PARIS  
INVENTOR DA NOVA  
PERFUMARIA  
extra-fina  
DE  
AMARYLLIS  
DU JAPON

Recommandada pelas Celebidades Medicas

Sabonete . . . . .	de	AMARYLLIS DU JAPON
Pó de Arroz . . . . .	de	AMARYLLIS DU JAPON
Essencia . . . . .	de	AMARYLLIS DU JAPON
Agua de Toucador . . . . .	de	AMARYLLIS DU JAPON
Vinagre de Toucador . . . . .	de	AMARYLLIS DU JAPON
Oleo para os Cabellos . . . . .	de	AMARYLLIS DU JAPON
Brilhantina . . . . .	de	AMARYLLIS DU JAPON

3 Medalhas nas Exposições Universaes de 1878 e 1889

# T. JONES

Fabricante  
de Perfumaria Inglesa extra-fina

## VICTORIA ESSENCIA

O mais delicioso perfume do Mundo.  
Grande collecção de extratos extra-finos para lenço.

## FLUIDE IATIF

Macia a pelle, embelleza-a e a torna flexivel.  
Faz desaparecer as espinhas e as rugas. Allivia toda  
e qualquer irritação proveniente da mudança de clima  
e dos banhos de mar. Basta empregal-o uma só vez para  
curar as rachos das mãos e dos beiços.

## LA JUVENILE

Branca, Cór de Rosa ou Cór Rachel  
Pó sem mistura alguma chimica, adherente e invisivel  
para os cuidados do rosto, dando-lhe e conservando-lhe a  
mocidade e frescura.  
Preparado especialmente para ser empregado com o  
fluido iatif.

## LAIT IATIF, chamado LILY WASH

para embellezar a tez.

Estê leite de cór branca, cór de rosa ou cór Rachel foi  
o alvo de pesquisas muito especiaes. Substitue todos os  
arrebiques, e pode ser empregado, sem o menor receio,  
no rosto, nos braços e nas espaldas.

## CREAM IATIF

Conserva-se em todos os climas, basta experimental-o  
para que se fique convencido da sua superioridade sobre  
os outros Cold-Creams.

## AGUA DE TOUCADOR JONES

Tonica e refrescante. Excelente contra as picadas de  
insectos.

## ELIXIR E PASTA SAMOHTI

Dentifricio antiseptico e tonico. Franquea os dentes e  
fortifica as gengivas.

23, Boulevard des Capucines, 23, PARIS  
Depositos em todas as principaes Perfumarias.

NOVA PERFUMARIA Extra-fina

IMPORTADOR DA

L. T. PIVER em PARIS

AO

CORYLOPSIS DO JAPÃO

SABÃO . . . . . ao CORYLOPSIS do JAPÃO

EXTRACTO . . . . . ao CORYLOPSIS do JAPÃO

AGUA DE TOUCADOR ao CORYLOPSIS do JAPÃO

LOTION . . . . . ao CORYLOPSIS do JAPÃO

PO DE ARROZ . . . . . ao CORYLOPSIS do JAPÃO

ESSENCIA . . . . . ao CORYLOPSIS do JAPÃO

OLEO . . . . . ao CORYLOPSIS do JAPÃO

POMADA . . . . . ao CORYLOPSIS do JAPÃO

日本薬水

# XAROPE DE DENTIÇÃO

do Dr DELABARRÉ

Xarope sem narcotico recommendado ha já  
20 annos pelos medicos. Facilita a sahida dos  
dentes, evita ou faz cessar os soffrimentos e todos  
os accidentes da primeira dentição.

Egija-se o Carimbo official e a  
assignatura Delabarre.

FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, Paris  
e em todas as pharmacias

# PAPEL E CIGARROS

## ANTI-ASTHMATICOS

de Bin BARRAL

Recommandados pelas summidades medi-  
cas. Preparações muitissimo efficazes para  
a cura da ASTHMA, das OPPRESSÕES,  
das ENXAQUECAS, etc. 15 ANNOS DE SUCESSOS.

FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faubourg Saint-Denis, Paris  
e em todas as pharmacias.

# NUNCA APPLIQUE-SE UM

VESICATORIO SEM SE TER O

## VESICATORIO DE ALBESPEYRES

O MAIS EFFICAZ e o MENOS DOLOROSO de TODOS os VESICATORIOS  
Exija-se a Assignatura ALBESPEYRES no LADO VERDE  
FUMOZE-ALBESPEYRES, 78, Faub' St-Denis, PARIS  
E AS PRINCIPAES PHARMACIAS.

# PILULAS DE BLANCARD

APPROVADAS PELA  
ACADEMIA DE MEDICINA  
DE PARIS

Resumem todas as  
Propriedades  
do IODO  
e do FERRO.

40  
Rua Bonaparte  
PARIS



Estas Pilulas são de uma efficacia maravi-  
lhosa contra a Anemia, Chlorose e todos  
os casos em que se trata de combater a  
Pob'za do Sangue.



# OLEO de HOGG

de FIGADO FRESCO de BACALHAO  
NATURAL e MEDICINAL

Receitado desde 40 ANNOS, em França,  
Inglaterra, Hespanha, Portugal, Brazil, Repu-  
blicas Hispano-Americanas, pelos primeiros  
medicos do mundo, contra as molestias  
do Feito, Tósse, Crianças franzinas,  
Tumores, Irrupções da Pelle, Pessoas  
fracas, Flôres-brancas, etc. O Oleo de Ba-  
calhão de HOGG é o mais rico em principios  
activos. — Vendido sómente em frascos TRIANGULARES.  
Exigir no envoltorio o sello da Union des Fabricants.

Unico Proprietario: HOGG, 2, rue Castiglione, PARIS,  
E EM TODAS AS PHARMACIAS